



A principal alteração regulamentar que irá vigorar na Festa do Basquetebol Juvenil da presente época, prende-se com o facto de apenas ser possível utilizar a defesa individual nos escalões de sub-14 e sub-16.

Renasce a discussão eterna e filosófica sobre a legitimidade da sua utilização. Não é propósito do artigo desta semana sustentar esta decisão, ou argumentar algo mais sobre se devemos ou não recorrer às defesas zona nos escalões de formação.

Para mim é claro que não deveremos, pelo menos como forma de atenuar dificuldades sentidas perante adversários mais apetrechados, disfarçando o que ainda não temos e trdaos a querer ter. A defesa zona não é um papão, podendo ser uma surpresa, algo que possa alternar em menor percentagem com a defesa base individual. Nesta lógica poderemos finalmente dedicarmo-nos a tentar apetrechar os nossos jovens de ferramentas da técnica e tática individual e coletiva da defesa, dita Homem a Homem com ajudas.

Concretamente nas seleções regionais acredito que o tempo não seja muito para preparar os melhores, pelo que treinar mais do que uma defesa, só estará ao alcance dos que mais treinam, mais conhecem o jogo e melhor o dominam e esses, permitam-me são muito menos dos a utilizam sem preocupações directas com a evolução dos jogadores jovens em formação . Parece-me que o jogo que se pratica atualmente no escalão de sub-16 deverá merecer alguma atenção, na medida em que estamos na ponte entre o final de uma iniciação desportiva, feita nos sub-14 e o trajecto para a alta competição. Distinguir necessidades, fragilidades e potencial de um grupo candidato a alcançar a etapa Junior conhecendo melhor o jogo, não implicará apetrechá-los com a utilização regular das defesas zonas em 1/2 campo. O jogo de alto nível parece igualmente não recorrer sistematicamente e de forma prioritária às defesas zona.

Se repararmos, na procura de fazer realçar as fragilidades ofensivas dos adversários, contribuímos para que o jogo se limite a jogar contra uma disposição defensiva demasiado compacta e eventualmente passiva. Se juntarmos a incapacidade de quem ataca estaremos a falar de um jogo com pouco interesse. Este facto retirará a possibilidade de se avançar na

exploração de conteúdos de ataque contra defesa individual importantes, como sejam: reações às penetrações em drible; bloqueios indiretos realizados em determinados ângulos e como consequência de uma boa defesa ao trabalho de recepção e cortes para o cesto dos atacantes sem bola; a exploração do ataque e defesa ao bloqueio direto; do 1x1 em áreas próximas do cesto das ajudas e rotações defensivas às penetrações em drible; melhorar a capacidade do defensor direto parar o atacante em drible.

Para tudo o que foi elencado é necessário tempo, paciência e trabalho. Termos a verdadeira noção do que realmente queremos para o nosso jogo ser melhor, poderá passar por definirmos definitivamente se queremos seguir a filosofia de Jim Boeheim e só concebermos a defesa zona no basquetebol português, ou talvez de forma mais rica, podermos cimentar uma verdadeira agressividade defensiva com uma estrutura base – a defesa individual com ajudas.

Para a quantidade de treino que se pratica nos clubes, em seleções regionais e nacionais, teremos de pensar nas nossas verdadeiras prioridades defensivas. As regras e os conceitos da defesa terão de ser simples e trabalhados sempre. A meu ver não haverá tempo para muitos conteúdos táticos coletivos, mas antes poucos e trabalhados passo a passo.

Um passo poderá passar também por introduzirmos uma regra pedagógica que há algum tempo os nossos vizinhos espanhóis introduziram, onde já se compete mas ainda se aprende jogo – os 3 segundos defensivos. Os 3 segundos defensivos obrigam o defensor a sair da área restritiva quando o seu adversário direto estiver igualmente fora da mesma, ou para lá da linha dos 3 pontos. A punição poderá passar por um lance livre, assim como a formação dos juízes terá de estar desperta para esta regra, nos escalões de sub-14 e sub-16.

Não obstante a utopia desta sugestão, parece haver consenso que poderemos e deveremos contribuir para que na nossa seleção nacional de sub-16 seja possível alcançar a maturidade tática adequada para competir com os melhores à base de conceitos simples, mas trabalhados sempre.

Terminaria esta mera reflexão expressando que a defesa zona não é uma solução tática coletiva impeditiva de evolução dos jogadores ou de equipas. Todavia, parece ser importante encontrarmos algumas ideias que satisfaçam a evolução global do praticante de basquetebol, a todos os níveis e fases do jogo. Nessa medida, aprender, praticar, competir em ambiente de defesa efectivamente com ajudas, levará ao ensino de um ataque, também ele rico em iniciativa individual e participação de mais jogadores em tarefas em decisões coletivas mais

Novamente as defesas zona

Escrito por João Ribeiro
Quinta, 26 Fevereiro 2015 11:32

ricas do ponto de vista técnico e tático.

A defesa zona e a sua implementação num grupo de jovens terá tanto e rico como de redutor ou camuflado para que não vejam insuficiências que tardarão a encontrar espaço para serem melhoradas.

Vale a pena pensar nisto?